

7.10.56



# ATÉ *Amimã*

★★ de RUBEM BRAGA ★★

## UMA FIGURA

Plácido de Castro — Um caudilho contra o imperialismo é um livro de Cláudio de Araújo Lima que apareceu há uns quatro anos na "Brasiliã" e que tem um enorme interesse. Ali vemos contada a história da guerra do Acre através da vida agitada desse estranho caudilho gaúcho que depois de ser aplaudido, no Rio e em toda parte, como herói nacional, acabou assassinado de tocaia no varadouro de um seringal perdido.

Mas não quero falar de Plácido de Castro. Quero chamar a atenção dos historiadores do Brasil e da Espanha para um tipo notável de aventureiro que aparece nas primeiras páginas desse livro. Trata-se de um espanhol, o dr. Luiz Galvez Rodrigues de Arias, laureado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de Sevilha, doutor em leis pela Universidade de Madri, secretário da Legação de Espanha na Sérvia e depois na Itália, filho de um aristocrático almirante e... aventureiro no Acre.

O fim de sua carreira diplomática é misterioso. Secretário da embaixada espanhola em Buenos Aires, passa depois, sem que se saiba porque, a funcionar subalterno da mesma embaixada. E também ninguém pode imaginar por que cargas d'água êle aparece um dia em Belém do Pará, com uma carta de apresentação do ministro espanhol acreditado no Rio. Arranja um emprêgo modesto no consulado boliviano, mas antes de assumi-lo diz que deseja conhecer Manaus. Lá aparece de monóculo, arranja um emprêgo modesto de repórter do "Comércio do Amazonas" e outro de amanuense da secretaria do Congresso Estadual. Frequenta o cabaré da moda, "City Clube", joga como um alucinado, manda abrir garrafas de champagne — e faz curso para taquígrafo do Congresso, mas de

repente regressa a Belém. Ali pega o tal emprêgo no consulado boliviano, ao mesmo tempo que se faz redator da "Provincia da Pará.

Era poliglota, falava, cinco linguas e no consulado é encarregado de traduções. Um dia lhe dão para traduzir um documento assinado pelo ministro da Bolívia e pelo cônsul em Belém, com o visto do cônsul norte-americano, em que estão as bases de acôrdo entre os Estados Unidos e a Bolívia a respeito do Acre, um acôrdo contra o Brasil. Estamos em maio de 1899. Nosso herói vai para Belém, procura o governador do Estado, Ramalho Júnior, mostra-lhe cópia do documento secreto e obtém sua ajuda discreta para uma expedição ao Acre.

Os soldados que recruta são estranhos: actores espanhóis de uma zarzuela que encerrava sua temporada em Manaus, ao todo 24 homens. Com êles e muitas armas e munição (e também centenas de contos de réis... e muito champagne) embarca numa gaiola para o Acre, proclama-se lá presidente do Estado Independente do Acre, cria uma bandeira, manda emissários diplomáticos à França, forma um exército, é traído por um seu partidário, prêso depois por uma autoridade brasileira, exilado no Recife onde passa miséria, mas recebe 80 contos do governador Ramalho. Com êsse dinheiro paga dívidas, faz esmolas aos pobres e donativos e Igrejas e Orfanatos — e embarca para a Europa, sempre magnífico.

E não se sabe mais nada sobre êle. (Ah, sim, muito antes fizera a volta ao mundo em um iate particular saindo do Rio, onde era proprietário de frontões, e levando consigo a linda esposa de um brasileiro).

Não seria o caso de se estudar melhor a vida de tão ilustre figura? Aqui fica esta lembrança, como um desafio aos pesquisadores da Espanha e do Brasil.